

editorial

Nossa atuação em 2008 foi marcada por processos e debates centrais para a construção de um novo modelo.

O Encontro de mulheres em luta por soberania alimentar e energética, organizado pela MMM e Via Campesina, fortaleceu a crítica ao atual modelo de produção e consumo. São necessárias alternativas à dependência do petróleo e de combustíveis fósseis. Isso inclui combater as falsas soluções baseadas no agronegócio, monoculturas de agrocombustíveis e nos megaprojetos. Foi fundamental refletir e visibilizar alternativas construídas pelas mulheres na busca de outro paradigma de sustentabilidade.

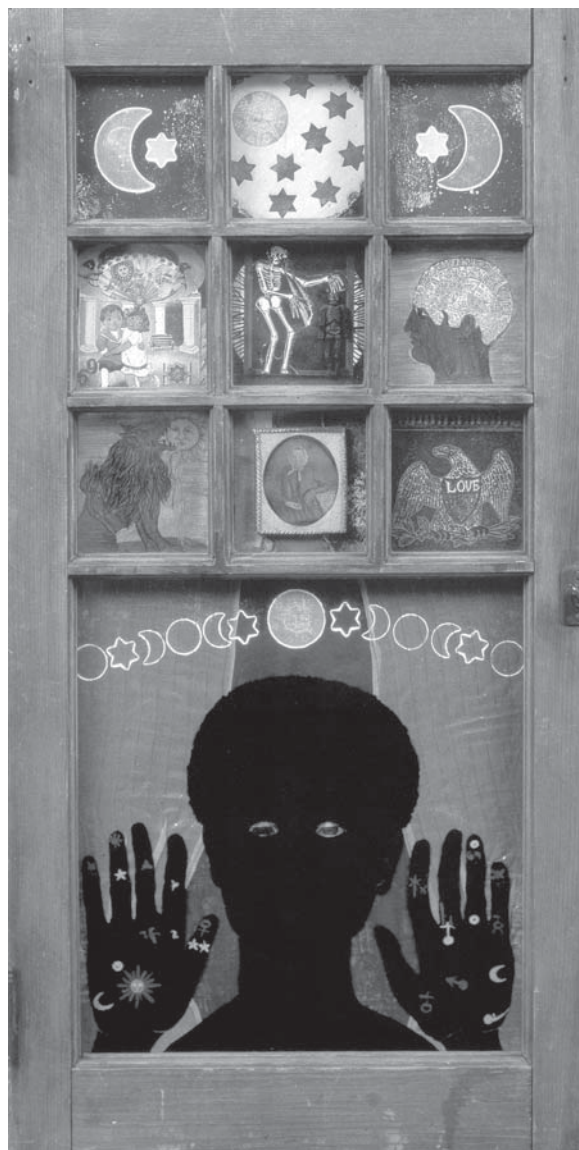
Um desafio para o feminismo é tratar tais questões articuladas à construção de outra forma de organizar a reprodução e o cuidado da vida humana, hoje centrada no trabalho invisível e não reconhecido das mulheres. Retomar o debate sobre trabalho doméstico é importante nesse processo.

Também foi marcante a ofensiva conservadora contra as mulheres, que se expressou na criminalização de milhares de mulheres que praticaram abortos. A resposta do movimento de mulheres foi construir unidade, articulando a Frente pela não criminalização das mulheres e pela legalização do aborto.

A conjuntura geral, marcada pelas crises financeira, alimentar, climática e energética, tem impactos diferentes nas regiões. Provou a falência do neoliberalismo, já denunciada pelos movimentos sociais. Mas seu enfrentamento é cheio de disputas ideológicas, já que os donos do capital oferecem como solução ajudar ao mercado.

Em 2009, seguiremos em luta para alterar o paradigma dominante e ampliar a construção de alternativas baseadas na sustentabilidade da vida humana.

As sempre vivas



Black girl's window de beten saar

Manipular e vender: a vida no alvo da tecnologia

Por Paula Leal *

Uma das principais características da sociedade atual é a mercantilização, que é a transformação de tudo que for possível em mercadoria. A mercantilização tem por trás grandes corporações transnacionais, empresas que fazem parte do nosso cotidiano, que se movimentam

com um objetivo: a maximização de seus lucros. Criam necessidades, reforçam desigualdades, se apropriam de preconceitos e discriminações. A promessa de nova riqueza está nos laboratórios fabricantes de toda vida que for possível mexer, manipular, transformar e vender.

| continuação da capa

Biopolítica é um termo utilizado para denominar um conjunto de iniciativas, técnicas e processos que envolvem a intervenção na vida e na natureza. São processos centrais na disputa política e econômica na sociedade de mercado, muito embora esta mesma sociedade pouco conheça sobre os efeitos a longo prazo dessas novas tecnologias.

Os transgênicos tomaram conta das prateleiras dos supermercados antes que fossem realizadas pesquisas sobre os efeitos destes na saúde da população. Hoje, bem depois dos alimentos modificados serem comuns nos carrinhos de compras, estudos demonstram que algumas substâncias usadas podem causar alergia ou resistência a antibióticos.

A chamada biotecnologia verde está relacionada com as sementes, a agricultura. Um organismo é considerado geneticamente modificado quando a estrutura de seu DNA é alterada, seja na sequência dos genes ou com a retirada de partes do DNA. Já os transgênicos são assim chamados por contarem com transgenia em seu processo de fabricação, ou seja, o acréscimo de genes de outras espécies na planta.

O desenvolvimento dos transgênicos está diretamente relacionado com o agronegócio, baseado em produções em larga escala, as monoculturas. O cultivo de sementes transgênicas necessita de agrotóxicos e insumos, produzidos pelas mesmas transnacionais que fabricam as sementes.

Soja, milho, algodão, canela, arroz, batata e tomate são hoje os principais alimentos transgênicos comercializados, sem que conste em seus rótulos se são transgênicos ou não. Além de alimentos, outro crescente mercado está relacionado com a produção de agrocombustíveis – o desenvolvimento da cana de açúcar transgênica é um exemplo.

Novas tecnologias reprodutivas – a engenharia genética da vida humana

As Novas Tecnologias Reprodutivas são o carro chefe da chamada “biotecnologia vermelha”, que se refere às interferências tecnológicas e alterações genéticas em humanos e animais. Para controlar a reprodução, cada vez mais

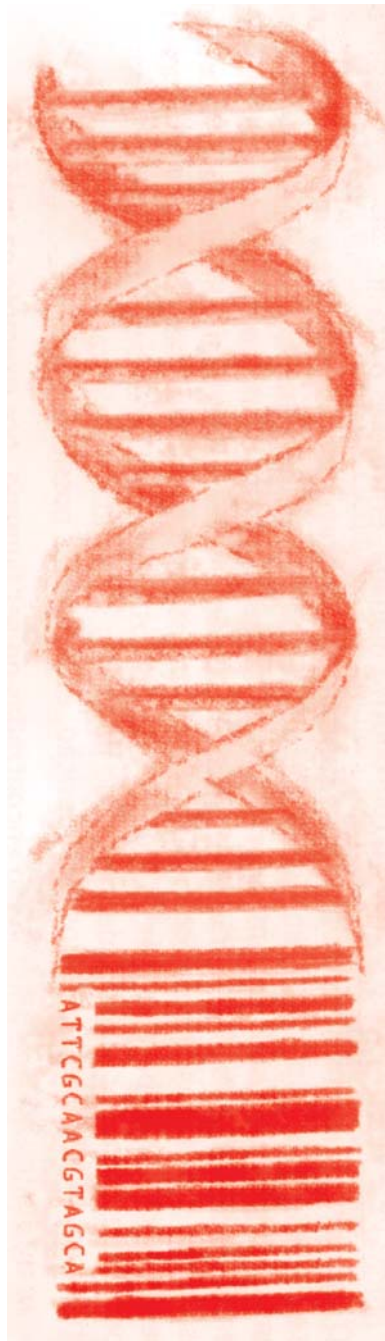


Imagem do livro "O que é biopolítica? / Ser mulher e sob os signos das bios"

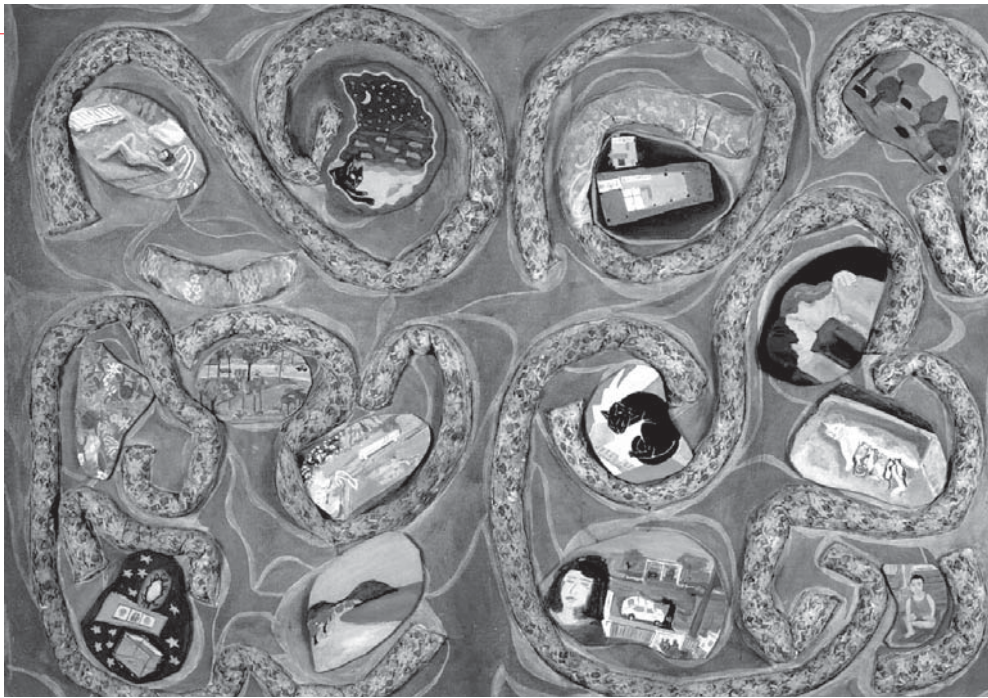
se impõe o uso de contraceptivos que escapam ao controle das mulheres. Por outro lado, a Reprodução Assistida é vendida como a solução para casais homossexuais, mulheres inférteis ou solteiros(as) que desejam ter filhos.

Não há a procura por reverter as causas da infertilidade, muitas vezes ambientais, assim como também não há o estímulo ao debate do direito à livre expressão e vivência da sexualidade. As novas tecnologias aparecem como bônus do futuro sem dar visibilidade para os inúmeros casos de fracasso de tentativas, as crises éticas e psicológicas que a frustração pode gerar ou ainda os malefícios para a saúde humana.

Na Fertilização *in vitro* uma hipestimulação com doses altíssimas de hormônios obriga as mulheres a ovularem em quantidade excessiva. Coletar com uma agulha os óvulos fica então mais fácil quando estes estão em maiores quantidades, um processo fisicamente doloroso e sem previsão sobre os danos psicológicos que pode causar. Rejuvenescer óvulos com tratamentos químicos, inserir núcleo de uma célula em outra ou armazenar gametas em bancos de óvulos e espermatozoides são alguns exemplos da tentativa de controle da vida. Por meio de diagnósticos genéticos pré-implantacionais descobre-se as características do futuro bebê permitindo a escolha entre levar adiante aquela implantação do embrião ou não, referenciando-se apenas em características genéticas e arriscando que preconceitos definam quem será gerado. Eis aí a Eugenia.

Separar a maternidade da sexualidade é uma luta feminista há muito tempo, mas é necessário saber em qual contexto esta “separação” deve se dar. A manipulação dos corpos das

continua



mulheres como objetos de pesquisa, definitivamente, não é o que busca o feminismo.

As tecnologias reprodutivas, contraceptivas e anticoncepcionais, parecem sempre jogar com uma balança na qual ao mesmo tempo em que dá, também tira. Os anticoncepcionais, ao mesmo tempo em que possibilitam que as mulheres decidam sobre ter ou não filhos, trazem uma séria de efeitos colaterais para a saúde. A engenharia genética traz o mesmo paradoxo: ao mesmo tempo em que permite separar a maternidade da sexualidade, o faz em um contexto de mercantilização da vida, acesso desigual e total desinformação sobre seus riscos. Um elemento adicional é que as mulheres continuam sendo majoritariamente as únicas responsáveis pela prevenção, recaindo sobre elas o ônus de intervenções sobre seus corpos e suas vidas.

Nanotecnologia e cosméticos

A nanotecnologia é uma tecnologia de manipulação de átomos e moléculas em uma escala muito pequena: 80 mil vezes menor que a espessura de um fio de cabelo. É utilizada em diversas áreas, como eletrônica, computação e enge-

nharia de materiais. Uma crítica geral ao desenvolvimento da nanotecnologia é que não são feitas pesquisas suficientes sobre os possíveis riscos para a saúde e o meio ambiente, assim como todo o restante do grupo de biotecnologias.

Na produção de cosméticos, a pesquisa e uso de nanotecnologia se faz cada vez mais presente. Os cremes rejuvenecedores e os protetores solares com fácil aplicação são os principais produtos que utilizam nanotecnologia, e já estão no mercado. As conhecidas Nívea, Avon, L'Oréal e Unilever estão entre as principais empresas que utilizam essa tecnologia. Também são essas as que registram um número enorme de patentes de cada "nanodescoberta".

O discurso utilizado para a venda desses cosméticos já são conhecidos por todas. A busca da eterna juventude fica mais fácil, porque a nanotecnologia já criou produtos que reconstituem a pele envelhecida, acabando, por exemplo, com as rugas e manchas. Mas, assim como nos outros produtos da nanotecnologia, esses cosméticos podem trazer riscos à saúde das mulheres. Isto porque os materiais apresentam comportamentos diferentes em escala "nano",

justamente o que possibilita a maior absorção na pele. Porém, não são feitos os estudos necessários para analisar, por exemplo, como as nanopartículas presentes nos protetores solares penetram nas células, se passam para a corrente sanguínea, ou seja, não se estudam seus possíveis efeitos.

Luta das mulheres

A crítica feminista à mercantilização questiona a combinação do mercado e do machismo. Manter as mulheres em uma situação de permanente insegurança com relação a seu corpo, buscando alcançar um ideal de beleza inatingível, faz com que nos tornemos um nicho importantíssimo do mercado. Assim, as intervenções no corpo, o uso de hormônios, medicamentos e cosméticos milagrosos são as soluções apresentadas pelo capitalismo para a satisfação e felicidade das mulheres.

O questionamento às novas formas de intervenção e controle do corpo das mulheres é fundamental para a superação das desigualdades e para a construção de autonomia de todas as mulheres.

*Parteira e militante da Marcha Mundial das Mulheres

O aborto dos outros

A cineasta Carla Gallo levou às telas do cinema a vivência das mulheres que realizam aborto no Brasil. O filme “O aborto dos outros”, mostra em 72 minutos a história de quatro mulheres que realizaram aborto em situações previstas da legislação brasileira.

O filme foi filmado em quatro hospitais públicos que tem o Programa do Aborto Legal, serviço que atende os casos previstos em lei. Além disso, foram colhidos depoimentos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

“O aborto dos outros” se define como um filme sobre “maternidade, afetividade, intolerância e solidão”.



Sua distribuição possibilitou ampliar o debate sobre o aborto, colocando a perspectiva de que a criminalização do aborto existente no Brasil não impede que o aborto continue sendo realizado. Mais que isso, mostra os efeitos perversos da criminalização na vida das mulheres.

o que rola

Trabalho doméstico na agenda feminista



Em maio deste ano a SOF realizou o Seminário Internacional “Reorganização do trabalho doméstico e de cuidados – Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana”. Com a participação de cerca de 180 mulheres, o Seminário contribuiu para recolocar

o tema do trabalho doméstico na agenda política, a partir da perspectiva crítica da economia feminista.

A partir dos acúmulos do seminário, foi organizada uma publicação.

Os 7 artigos que compõem o livro apresentam um estudo e reflexões sobre experiências de socialização do trabalho doméstico, a trajetória das mulheres na luta contra o livre comércio e pela construção de alternativas, a realidade do trabalho das mulheres no Brasil, a contribuição da economia feminista para a construção de indicadores não-androcentricos, e uma análise da globalização a partir da feminização da sobrevivência.

A perspectiva é dar seguimento às reflexões e ampliar o debate sobre o trabalho doméstico a partir do trabalho com mulheres, economia e feminismo.

nº 67 Dezembro de 2008

ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Colaboradoras: Camila Furchi e Renata Moreno

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: SB Editora

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1.500 exemplares

Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- FORUM SOCIAL MUNDIAL 2009
- PROSTITUIÇÃO